

PCdoB: A TRAVESSIA DO COMUNISMO ENTRE A ORTODOXIA E A REVISÃO

Izabel Cristina Gomes da Costa¹

Introdução

O centenário da Revolução Russa ocorre num momento crucial da história da humanidade. O avanço conservador e a tendência destrutiva do capitalismo se aprofundam. As perspectivas alternativas parecem se distanciar de nossas mãos e de nossos futuros. Mas os povos lutam. Homens e mulheres, pobres, trabalhadores e oprimidos não deixam de combater diariamente, e cada vez mais desesperadamente, para que as diversas exclusões não os deixem de fora do simples direito de viver. No Brasil, a situação não é menos dramática. O país está mergulhado num golpe violento do capital e do conservadorismo, visando fazer os direitos regredirem aos patamares do início do século XX e reforçar ainda mais a cultura da intolerância e da aversão ao outro.

Este artigo revisita a jornada realizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), um dos mais antigos partidos da tradição comunista, analisando suas discussões durante um outro momento tão singular como os nossos dias. Uma época em que muitos acreditaram que nada mais sobraria da utopia socialista superada pelo triunfo do capitalismo. A “nova era”, proclamada no final do século XX, abriu-se anunciando que o sol não será para todos. Na verdade, brilhará para pouquíssimos. O sistema destrutivo engolfa milhões de seres humanos no fosso da exclusão. Vivemos mesmo tempos limite, que renovam a atualidade deste centenário e a urgência das reflexões sobre as primeiras experiências socialistas da humanidade, retirando delas o esteio para as nossas lutas contemporâneas.

Os amálgamas do comunismo do PCdoB

Até o início dos anos noventa, o PCdoB era reconhecido como um partido dogmático. Seu traço distintivo era a ardente defesa de Stálin. Logo, uma organização “stalinista” não sobreviveria ao colapso do socialismo real. Os “filhos da Tribuna Operária” seriam varridos do mapa político ou se tornariam uma instituição irrelevante na sociedade brasileira. Sem um grande cataclismo como o do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Comitê Central dirigiu um processo controlado de reavaliação de alguns importantes pressupostos. Conectados às mobilizações e compondo a Frente Brasil Popular, a agremiação combinou ortodoxia e revisão do projeto socialista, obtendo sucesso nesse reordenamento, sem, contudo, perder a sua identidade original.

O PCdoB erigiu fortes amálgamas. Reorganizado em 1962, a existência de dois PCs no Brasil expressava de forma evidente a crise do Movimento Comunista Internacional, aberta pelas mudanças operadas no XX Congresso do Partido Comunista da URSS, em 1956. Internamente, se discutiam os caminhos do partido e se tornavam públicas as divergências que culminaram na alteração do seu nome para PCB. Dessa forma, a luta contra o revisionismo contemporâneo² convertia-se no seu acontecimento fundador.

A construção da identidade do PCdoB forjou-se por meio de um forte senso de pertencimento, estruturando-se e reproduzindo-se através de memórias herdadas. Da construção do seu passado, emergia o seu projeto: consolidar-se como a verdadeira organização comunista do Brasil, como o partido da revolução brasileira³. Dessa forma, o PCdoB representava a preservação dessa tradição desde 1962 contra o revisionismo contemporâneo. A adesão a essa ideia-força tornava-se um elemento capital para a incorporação de novos membros ao partido. Fora o caso da entrada de setenta ex-militantes do PCB, incluindo um importante dirigente, Juliano Siqueira. No texto inaugural daquela experiência – “Postu-

ra de resistência, rumo revolucionário”⁴ – o comunista partilhava a identidade comum: a origem da mutação radical do PCB numa organização reformista se localizava no processo desencadeado pela Declaração de Março de 1958.

Em 1962, a expulsão dos signatários da “Carta dos Cem” resultou na reorganização do PCdoB. A crítica ao revisionismo ainda não estava claramente definida, e os setores dissidentes tentaram estabelecer contatos com os soviéticos sem sucesso. A partir de 1963, o partido aproximara-se do maoísmo.⁵ Cerrar fileiras com a via chinesa fortalecia a referência internacional – de grande impacto no seio das esquerdas mundiais –, mas também favorecia a sua ação local nas disputas com o PCB sobre os caminhos da revolução brasileira: o caráter da revolução e das alianças, o papel da violência e do campo no processo revolucionário⁶.

Ainda bastante influenciado pelo modelo soviético, o partido adequara a sua linha partidária às novas inflexões teóricas do PC Chinês, adotando a estratégia da guerra popular prolongada (GPP)⁷. Desenvolvida entre os anos de 1966 a 1975, a Guerrilha do Araguaia é um dos principais lugares de memória do Partido Comunista do Brasil. Compreendida como uma verdadeira epopeia, uma “luta de Davi contra Golias”⁸, a sua identidade – fortemente demarcada pelo embate contra o revisionismo contemporâneo – adquiria com a experiência guerrilheira o atestado de compromisso com a via revolucionária.

O PCdoB na transição brasileira e as inflexões programáticas dos anos oitenta

Em 1988, o VII Congresso do PCdoB aprovou uma resolução política que modificava a sua ação na conjuntura nacional. Com o documento “O Brasil numa encruzilhada histórica”, o partido rompia com a tática da frente ampla democrática, que caracterizara a sua ação desde o fim dos anos setenta⁹. Não sendo mais um apoiador crítico, sua nova linha era peremptória: a Nova República “envelheceu prematuramente”. Optando pelos setores à direita e conservadores para reconstituir a sua base de apoio, Sarney simbolizava um governo corrupto, antipovo e antinacional¹⁰.

Na arena internacional, o farol do comunismo chinês perdera o seu brilho. De exemplo revolucionário contra o revisionismo soviético, a China transformara-se numa variação do mesmo fenómeno. Na VII conferência do PCdoB, em 1979, um distanciamento através da crítica à política das Quatro Modernizações, à teoria dos três mundos e à sua aliança com os imperialismos norteamericano, asiático e europeu. No centro da luta internacional, também estava o combate ao revisionismo chinês¹¹.

Parceiros na luta contra o revisionismo contemporâneo após a experiência com a via chinesa, o PCdoB elegera como uma das suas tarefas cen-

trais a defesa da Albânia – “farol do socialismo na Europa e no mundo”. Era a última fronteira do socialismo. Atividades, jornais e publicações promoviam os feitos do pequenino país, mais conhecido pelas suas montanhas, águias e cabras. A Albânia confirmava a possibilidade da construção do socialismo num só país. E do seu desenvolvimento numa nação pobre, atrasada e de economia incipiente. Rejeitando as teses revisionistas da URSS e da China, que propunham a manutenção de uma economia agrária, retardando a estruturação da base econômica do socialismo, os albaneses seguiram sozinhos. Liquidaram a burguesia através da coletivização dos campos, consolidando uma aliança amiga entre campesinato e operários¹².

Em 1988, já sob os primeiros sinais de perturbação no bloco socialista, a Albânia parecia uma rocha. As resoluções do VII congresso do PCdoB informavam que, apesar dos esforços da burguesia, o socialismo florescia naquele país¹³. O socialismo albanês não somente resistia, mas entrava numa nova etapa da sua evolução, mais complexa do que a fase anterior. Um motivo de orgulho. A experiência só encontrava paralelo no processo desenvolvido pela revolução russa nos seus primeiros quarenta anos¹⁴.

Assim, até o início dos anos noventa, o PCdoB considerava-se salvaguardado do colapso do socialismo real – relacionando-o diretamente à evolução do revisionismo. Sob os sinais do deslocamento à esquerda do VIII Congresso, o partido atravessou a *débâcle* do comunismo soviético. Os novos posicionamentos fortaleceram-no, aproximando-o dos setores mais dinâmicos dos movimentos sociais. Ao contrário do PCB, que combinou a crise do projeto socialista ao balanço dos equívocos cometidos na política brasileira, o PCdoB fizera importantes readequações antes de “ajustar contas” com o futuro do socialismo no planeta.

Renovação ou restauração? O PCdoB e a crise no bloco soviético

Partilhando das tradições comunistas, o outubro bolchevique representava o advento de uma nova época, a era das revoluções proletárias. Ele era a prova cabal da superioridade daquele sistema sobre o capitalismo. Superando os duros anos da fome, através da industrialização acelerada e da coletivização dos campos, os revolucionários transformaram um país atrasado e inculto numa das mais avançadas nações do planeta¹⁵.

A consolidação da nova nação resultara de uma intensa luta de classes no seio do partido de vanguarda do proletariado. Incapazes de “assimilar a ideologia marxista”, elementos como Trótski opunham-se à possibilidade de construção do socialismo naquele país, mesmo sem o advento da revolução

no ocidente. Outros, como Bukharin, representavam a liberdade de mercado e os interesses dos *kulaks*¹⁶. Até a morte de Stálin, a URSS cumprira um papel progressivo e de liderança no mundo, vencendo mais uma versão do revisionismo. Com o falecimento do guia genial, o socialismo soviético enfrentara uma profunda crise que levou ao retrocesso da revolução.

Os retrocessos eram possibilidades existentes em todas as revoluções. E a regressão na URSS representava a vitória da parcela inconformada de altos funcionários estatais e do partido. A ascensão de Brejnev não alterara o caráter das reformas de Kossiguin, em 1965. O que subsistira de socialismo na economia havia recebido um “tiro de misericórdia”. O sistema voltara a operar em bases essencialmente capitalistas¹⁷. Na arena internacional, as ações do “império vermelho” reforçavam a tese do social-imperialismo. A agressão a outros povos, como a Tchecoslováquia, a Eritreia e o Afeganistão, era a prova irrefutável do impulso expansionista desencadeado com a introdução de mecanismos capitalistas de gestão¹⁸.

Para o PCdoB, a ascensão de Mikhail Gorbatchev, em 1985, não significou nenhuma alteração no caráter da URSS. Nem a possibilidade de revigoração do socialismo. Pelo contrário: ele representava a última fase do revisionismo. Um salto qualitativo. A evolução de um “revisionismo envergonhado” para um “revisionismo sem máscara”. A Perestroika consolidava a restauração aberta em 1956. Implantando um “capitalismo às escâncaras”, as reformas representavam a “condenação global das leis próprias do socialismo e a exaltação das leis objetivas do sistema capitalista reintroduzido na URSS”¹⁹.

Em 1990, os ventos do Leste já haviam se transmutado em verdadeiros furacões, derrubando a maioria dos países do bloco soviético. O PCdoB mantinha-se firme, aqueles eventos não lhe afetavam. A realidade nocauteara as interpretações que definiam tais modelos como experiências socialistas. Além disso, o principal representante da luta antirrevisionista mundial, a Albânia, parecia uma muralha inexpugnável. Logo, o colapso do socialismo real não se explicava pela via simplista da “falência do modelo stalinista”. Pelo contrário, os dirigentes derrubados ascenderam ao poder após o XX Congresso do PCUS, modificando substancialmente as políticas daqueles regimes, reintroduzindo o capitalismo de Estado²⁰.

A preparação do VIII Congresso: na corda bamba entre ortodoxias e revisões

“O tempo não para. O socialismo vive”. Com este título, o PCdoB inaugurava o debate preparatório para o histórico VIII congresso. A ideia de movimento trazia o alento de que o socialismo não estava morto. Não era uma

peça anacrônica, nem estagnada. Havia esperança. A percepção do comunista Pedro Carvalho Lopes revelava a real dimensão do drama vivido pelas esquerdas no fim do século XX. Estava mais difícil defender o comunismo do que na época da ditadura. A campanha anticomunista grotesca fora substituída por uma operação sofisticada, de propaganda dos erros cometidos em nome daquele ideário²¹.

Assistindo à implosão dramática do seu congêneres, o PCdoB encontrava-se numa “encruzilhada histórica”²². Realizar importantes alterações no seu programa sem, contudo, perder a sua identidade, pulverizando-se. Por outro lado, permanecendo inerte, arriscava-se a perder inúmeros militantes, reduzindo-se a um gueto. O partido intentara transitar pela crise do socialismo real, apegado à convicção de que ela não lhe atingia. Pelo contrário, confirmava as suas teses sobre o revisionismo contemporâneo. Quando a luz do farol albanês turvou-se, a agremiação não resistiu. Chegara a hora de fazer um profundo balanço dessa trajetória, e acertar algumas contas com a herança comunista.

Equilibrando-se entre ortodoxias e revisões, o PCdoB protagonizou um rico debate interno. Vários editoriais do Tribuna de Debates destacavam o ineditismo do processo²³. A direção convocava os militantes ao “labor teórico”, muitas vezes subestimado ou apreendido como inacessível. A preparação para o VIII Congresso era a tarefa central do partido. Esse esforço capacitaria os militantes no combate às ideias oportunistas ou revisionistas²⁴. A vedete das discussões foi mesmo a crise do socialismo real. Muitos comunistas concebiam dois caminhos para a encruzilhada pcedobista:

Nessa encruzilhada, temos duas alternativas: a primeira é a de virarmos gueto mesmo, com a pecha de espécimes em extinção. A segunda é a de partirmos para virar a mesa e enfrentar o debate como deve ser enfrentado.²⁵

Se diversos militantes se dispunham a reavaliar pressupostos marxistas-leninistas, também não era menor o número de camaradas que demarcava fronteiras no sentido contrário. As resistências terminavam na base, e começavam no seio do próprio comitê central. Para lideranças como Renato Rabelo nem tudo estava aberto ao debate²⁶. E muitos comunistas se alinhavam com essa tese. Os limites preservavam a ortodoxia pcedobista. Oriundos de uma cultura de debates restritos, muitas vezes sob a clandestinidade, a base partidária temia o mesmo destino do Partidão. A direção receava perder o controle da organização.

As críticas atingiram o comitê central. Muitos comunistas, atônitos, não compreendiam nem aceitavam as novidades anunciadas. Uma virada no leme

abrupta. Sem grandes autocríticas, indicava o caminho e mandava avançar. Moacyr de Oliveira, membro do comitê do Distrito Federal, apontava três posturas distintas sobre o VIII Congresso. Camaradas dispostos a debater com radicalidade, sem limites preestabelecidos. Outros militantes não defendiam a necessidade de reavaliações significativas, pois a organização acertara em quase tudo. Ao centro, cautelosos, estavam os dirigentes do comitê central. Era necessário superar os erros. Entretanto, preocupados com os rumos do debate, tentavam “estabelecer limites para a discussão e (fazer) alertas ideológicos numa operação de imunizadora sobrevivência”. O camarada Oliveira “sonhava” com um debate livre. Diante das acusações daqueles que temiam os questionamentos, promotores de “catilinárias raivosas, profissões de fé vazias de conteúdo e repletas de frases feitas”, estava convicto de que ninguém havia saído da linha ou comprometido a “pureza ideológica do partido”²⁷.

O revisionismo contemporâneo: marco inexpugnável ou uma nova revisão?

O debate no PCdoB erigia-se sob um marco fundador do embate contra o revisionismo contemporâneo. Se havia fronteiras intransponíveis, essa era uma delas, uma pedra basilar que identificava todos os camaradas. Essa luta dividira águas no seio do Movimento Comunista Internacional. Os militantes partiam desse ponto de convergência, o acerto histórico da organização na denúncia dos sucessivos desvios à direita a partir dos quais a URSS assumira abertamente uma política contrarrevolucionária²⁸.

Do interior do comitê central, surgiam teses que ultrapassavam as formulações elaboradas pelo núcleo partidário. Baseando-se em avaliações que indicavam a existência de erros na construção do socialismo na URSS, mesmo antes do processo revisionista dos anos cinquenta, o dirigente Luís Fernandes propugnava uma retificação da caracterização feita pelo PCdoB sobre o Estado soviético. Coexistiam duas análises contraditórias. Até a VI conferência, em 1966, as mudanças no bloco soviético eram analisadas sob o prisma da transição ao capitalismo. Influenciados pelas teses chinesa e albanesa, o partido incorporou o conceito de capitalismo monopolista de Estado, expresso pela inserção da URSS no mercado internacional e pela sua política imperialista e expansionista²⁹. Fernandes indicava a inconsistência dessa conceituação para o caso soviético, pois, até o final dos anos oitenta, os dados estatísticos assinalavam a incompletude de tal processo³⁰.

O documento “A luta pelo socialismo científico”³¹ apresentou correções de percurso, avaliadas por vários militantes como genéricas e insuficientes, ainda apegadas aos conceitos do atraso, às insuficiências teóricas e ideológi-

cas, numa sobrevalorização das condições históricas. Ganhava corpo no partido uma opinião mais contundente. Mais do que erros de condução, desvios. Um sinal aberto para a ultrapassagem da barreira da luta antirrevisionista.

As revisões alcançaram pontos nevrálgicos de convicções consolidadas. A análise sobre a relação do jovem Estado proletário e a coletivização dos campos identificava o tratamento inadequado à aliança operário-camponesa. A repressão ao campesinato no lugar do convencimento contribuíra para o descompasso entre produção agrícola e industrial e a degeneração do Estado soviético³².

A grande obra que transformara a URSS numa potência mundial estava questionada pela raiz. Para o jornalista Antonio Martins, o processo dos anos trinta, de estatização de toda a economia soviética, promoveu “uma revolução cultural de cunho nitidamente capitalista”. Promoveu também o florescimento de uma oligarquia de trabalhadores, que sufocou o debate teórico e limitou a criação. Após a morte de Stálin, ele se tornou o bode expiatório dos problemas já evidentes no socialismo soviético³³.

Outro assunto tabu. O terror dos anos trinta. Justificado como uma questão cultural russa, alguns militantes assumiam a polêmica abertamente. A repressão soviética assemelhara-se à do nazi-fascismo. Contrapunha-se à legalidade socialista, erigindo-se sobre três instituições avessas ao socialismo – os julgamentos sumários e sob tortura, a delação generalizada e anônima e o recurso da psiquiatria como enquadramento dos “desajustados”³⁴.

Não eram menos evidentes as resistências a qualquer mudança na ortodoxia. Um espectro rondava o PCdoB. Era o revisionismo que assombrava o partido³⁵. Comunistas como Masanobu Aoki denunciavam uma inflexão visível desde o VII congresso. Ele estava perplexo. O mesmo processo revisionista dos anos sessenta atingia agora os principais dirigentes partidários. Jamais houvera um nível tão alto de capitulação. E ele se localizava no seio da sua intelectualidade. Novamente a pequena-burguesia. As alterações, mesmo parciais, não podiam simplesmente ser anunciadas sem a oposição daqueles que partilharam pressupostos comuns durante décadas a fio:

Em apenas poucos meses, os dirigentes intelectuais do nosso partido passaram a negar seus posicionamentos de 69 anos, derrubando simbolicamente a estátua do camarada Stálin, o grande dirigente da construção do socialismo soviético.³⁶

Acomodados ao costume de solucionar as polêmicas pela via clássica dos partidos de tipo marxista-leninista, causava um profundo desconforto a presença de elementos portadores de diferenças tão nítidas. Afinal, o que faziam organizados no PCdoB? ³⁷

Stálin na berlinda. Um debate apaixonado

Reivindicar a liderança de Josef Stálin era um constructo fundamental da identidade do PCdoB. Fotografias na sede e nas atividades do partido, camisetas estampadas com o seu semblante, literatura do “guia genial dos povos”, nada envergonhava o militante pecedobista. Assumir essa herança tornava-se um motivo de orgulho. PCdoB e stalinismo se equivaliam.

Tornara-se inevitável debater o papel de Stálin na construção do socialismo soviético. Era impossível permanecer indiferente à sua figura. Revisões limitadas. Reivindicações apaixonadas. Ruptura radical com o seu legado. A questão do stalinismo ultrapassava as fronteiras e punha o próprio partido na berlinda. Estavam todos impregnados dessa cultura? Ou ela jamais existira enquanto concepção?

A história do Movimento Comunista Internacional cingia-se em dois momentos irreconciliáveis. A morte de Stálin, em 1953, demarcava as fronteiras. Apesar do crescente questionamento da experiência socialista, nas comemorações dos setenta anos da Revolução Russa de 1917, o PCdoB reafirmava, acriticamente, a liderança máxima do seu guia. A campanha dos “renegados da causa proletária” objetivava hostilizar o próprio socialismo:

referir-se a Stálin, à sua obra, à sua contribuição científica é falar sobre o socialismo que ele defendia e construía com sucesso. O ataque raivoso ao dirigente máximo da fase da construção socialista é, na realidade, a investida colérica contra a ditadura do proletariado.³⁸

A tese do comitê central, em 1992, apresentava novas inflexões sobre o fenômeno. Para Haroldo Lima, um assunto polêmico que, certamente, não se esgotaria rapidamente. Entretanto, a organização necessitava reformular, e superar o unilateralismo na defesa do dirigente soviético.³⁹ Revisitando constructos tradicionais, o núcleo comunista indicava as responsabilidades de Stálin sobre o desastre sucedido na URSS. Assestava os seus equívocos teóricos – afinal, não se tratava mais da infalibilidade – como a tese do acirramento da luta de classes durante a construção do socialismo. Ao mesmo tempo mantinha intactas as análises sobre a obra dos anos trinta. Os erros pertenciam, sobretudo, à sua fase final de vida: a exacerbação do culto à personalidade e a subestimação do partido. Isentava-o, por fim, da responsabilidade direta sobre os descaminhos da pátria socialista⁴⁰.

Nem gregos, nem troianos. Uma suposta saída de centro – reconhecer certos erros, mantendo a espinha dorsal – desagradou e suscitou enormes controvérsias. Gerou desconfianças entre aqueles que estranhavam a rápida

conversão, mas também entre os comunistas que queriam mais. Apesar do passo positivo em direção a um exame crítico da construção do socialismo na época de Stálin, diversos militantes do PCdoB indicavam a insuficiência de tais reavaliações⁴¹. Ainda eram turvas as autocríticas. Como artifício, uma saída tangencial. O PCdoB jamais fora stalinista, pois nunca existira enquanto corrente filosófica:

Mas que o nosso partido sempre foi stalinista no sentido de louvar Stálin como o quarto clássico, no sentido de colocar claramente o stalinismo como sinônimo de revolucionário marxista-leninista, isto sempre foi.⁴²

“Ser ou não ser stalinista: eis a questão”⁴³. Esse era o dilema do partido. Pedro Carvalho Lopes percebia uma “onda de desespero” diante da necessidade de mexer na redoma Stálin. Taxativo, o stalinismo nada mais era do que uma deturpação do marxismo. Por isso não reivindicava sequer os supostos êxitos nos campos social, cultural e político da época do “guia genial”. A gênese do revisionismo se localizava nos anos trinta. A ação de Stálin, corrompendo a herança leninista, abriu caminho para o revisionismo dos anos cinquenta⁴⁴.

Mais do que reconhecer os erros do dirigente, a organização devia avaliar o seu pensamento e prática. Ela fazia parte daquela tragédia. Encontravam-se no seu âmago aquelas adulterações: visão mecanicista da história, messianismo, inevitabilidade do socialismo, rígida hierarquização, limitação da autonomia intelectual. Cegos durante tanto tempo, não havia mais espaço para meios-termos. Urgia uma ruptura radical com o stalinismo⁴⁵.

“Atire a primeira pedra quem nunca errou!” As “viúvas de Stálin” – como enfatizara Pedro de Carvalho – não se dobraram às novas orientações partidárias. Num tom de surpresa e de indignação – quase um desabafo – não foram poucos os pecebistas que ocuparam as páginas do Tribuna para condenar a tímida inflexão elaborada pelo comitê central. Seria o germe do revisionismo? Estariam sucumbindo às pressões imperialistas?⁴⁶

“Apenas um adúltero, um pecador”. Stálin juntava-se a personagens como Maria Madalena e Geni. Um clima de caça às bruxas imperava no partido⁴⁷. Alguns denunciavam. O ápice dessa perseguição se consumaria no VIII Congresso. Nada de homenagens. A sua fotografia também não apareceria mais ao lado dos grandes nomes do comunismo. Isso era demais. Muitos bradaram contra tamanha capitulação. Era necessário revidar as pedradas. Defender o socialismo era defender Stálin⁴⁸. Era preciso reconduzi-lo ao seu devido lugar. Reivindicavam por isso a manutenção do seu retrato na mesa do congresso. Sem mesquinhas petistas. Sem medo de defender Stálin⁴⁹.

Se a defesa de Stálin tornava o PCdoB distintivo dos demais grupos das esquerdas, diferenciar-se do seu oponente mais famoso, Leon Trótski, também ocupava um papel relevante no discurso tradicional da organização. Um antípoda, ele encarnava o mal enraizado nas origens da construção da URSS. Os trotskistas eram mais que contrarrevolucionários. Como imagens demoníacas, nas palavras de João Amazonas, em 1984, os trotskistas exalavam “miasmas”. Eles só apareciam para “confundir, diversionar, enganar”⁵⁰.

Trótski – “um intelectual pretensioso que jamais conseguiu assimilar os ensinamentos científicos do marxismo”⁵¹ – fora desmascarado nos anos vinte. Juntamente com Bukharin, ele era a primeira expressão do revisionismo contemporâneo. O primeiro propunha o estancamento da revolução socialista no país, atrelando o seu avanço à revolução nas nações capitalistas adiantadas. O segundo, mais explícito, sustentava uma posição de classe ardorosa, defendendo os *kulaks*, lutando contra a coletivização da propriedade rural⁵². Apresentado pelos trotskistas como companheiro de Lênin, consolidou-se como um contrarrevolucionário a serviço da burguesia, apegando-se aos chavões contra Stálin e o stalinismo.

No percurso dos debates, a militância pecedobista não indicou novas percepções do oponente histórico. Leon Trótski havia sido reabilitado na URSS e no PCB. Entretanto, a visão negativa permanecera inalterada. Trotskismo ainda qualificava ações negativas. Contra ele, Lênin havia travado uma árdua batalha no movimento revolucionário russo. Um divisionista. Um agente do imperialismo. Nos balanços sobre o marxismo e a revolução, a crítica comunista não podia se assemelhar à dos burgueses e à dos trotskistas⁵³. Poucas vezes se dispuseram a combater a simbologia constituída. Segundo Gerson Medeiros, até mesmo a tese do comitê central repetia “surradas e nada convincentes acusações” a revolucionários bolcheviques, como Zinoviev, Bukharin, Rykov e Trótski. Uma voz dissonante, o militante de base reabilitava-os. Era um disparate ainda chamá-los de contrarrevolucionários⁵⁴.

O partido de tipo leninista – que heranças manter?

Os problemas existentes no funcionamento do PCdoB derivavam do seu modelo leninista de partido? Muitas análises questionavam os entraves da sua forma de organização. Outras atingiam os ícones da concepção bolchevique.

Não havia limites para o debate, e as mazelas foram expostas sem receios. Pedia-se um tratamento melhor ao militante, alvo de excessivas tarefas, sem cursos de formação e comandados por direções encasteladas. Denunciava-se a cultura da infalibilidade dos dirigentes, incapazes de uma verdadeira autocrítica, determinando o caráter praticamente homologatório das suas decisões. Para

alguns, um sentimento avesso ao estudo limitava a produção teórica. Um “pacto da mediocridade” nas relações entre base e cúpula partidária. De um lado, militantes que não consideravam importante pensar. De outro, uma direção nacional que não priorizava a atividade intelectual dos mesmos. Um resquício stalinista⁵⁵.

A manutenção do partido como uma organização leninista não era diretamente rejeitada pelos seus filiados. Entretanto, vários comunistas identificavam na crítica mais incisiva ao modelo uma recusa do princípio. Para Dyneas Duarte, dirigente histórico, esse raciocínio norteava as concepções daqueles que desejavam a liquidação dos PC's⁵⁶.

Do centralismo democrático, as discussões ampliavam-se para as questões da democracia no partido e na sociedade. Abria as portas para as reflexões sobre a ditadura do proletariado. Refutando as concepções que definiam o conceito como um valor universal, o PCdoB concebia a clássica divisão entre a democracia burguesa e a proletária. Aldo Arantes remarcava os avanços da primeira, ainda limitados devido à existência da propriedade privada. Mais completa, a democracia socialista atingiria o coração da desigualdade, suprimindo o principal obstáculo para a sua plena realização. As experiências do socialismo atestavam essa realidade, mas também expressavam as suas debilidades. Tais limites não podiam ser negados. Apesar da reivindicação do Estado proletário como uma ditadura da maioria, a forma democrática do exercício daquele poder devia ser uma condição⁵⁷.

Não eram poucos os comunistas que reafirmavam a impossibilidade da liberdade e democracia total para todos no socialismo. Ambos os conceitos deviam se subordinar aos limites que norteavam os princípios do novo regime, restringindo-se a participação dos inimigos de classe⁵⁸. Na raiz dessa concepção, encontrava-se a aplicação da ditadura do proletariado. Segundo João Maria Fraga, esse artifício não era uma exclusividade dos proletários. Até mesmo a burguesia instaurara uma ditadura que não representava os anseios de todas as classes. Dessa forma, o novo regime não podia se fundamentar numa legalidade jurídica. Ele se legitimava através da realidade efetiva da história, da transição em direção a uma sociedade sem classes⁵⁹.

O partido único também se sentou na berlinda. Segundo o dirigente Bernardo Joffily, o conceito de ditadura do proletariado não trazia embutido o monopartidarismo. Este se sustentava na ideia de que a luta de classes na URSS já não comportava antagonismos. Uma sociedade harmônica e sem conflitos prescindia da existência de vários partidos. Refutando tal concepção, as sociedades socialistas deviam conviver com agremiações de variadas origens sociais. O limite se localizava no respeito à legalidade socialista⁶⁰.

O balanço de Joffily ultrapassava a fronteira do revisionismo contemporâneo, mas limitava a sua crítica aos anos Stálin. Cabia a ele e à sua gera-

ção a responsabilidade sob os problemas do desenvolvimento da experiência soviética. O autor deixava de avaliar, entretanto, as origens de tais medidas e o seu impacto sobre a trajetória da URSS e do movimento comunista. A decretação do partido único não havia sido uma iniciativa de Stálin. Instaurado desde 1918, ele revelava dilemas do socialismo desde Lênin. Mas a crítica dos comunistas não estava disposta a ir tão longe.

A Albânia caiu. Um novo farol para o PCdoB?

“Quando tudo parecia que ia ruir, os nossos ‘albanólogos’ continuavam a repetir que o mundo poderia desabar que a Albânia continuaria intacta”⁶¹. Como São Tomé, o jornalista Bernardo Joffily quis ver com os seus próprios olhos que tudo transcorria bem. Viajara para a Albânia e, apesar da apreensão inicial diante do “noticiário agourento” do ocidente – que divulgava reformas de tipo gorbatcheviana e grandes protestos populares –, os materiais recolhidos desmentiam cabalmente todas aquelas informações. Era verdade, o terremoto do Leste repercutira sobre todo o país, mas de forma positiva. A mídia estava aberta. Os albaneses discutiam. Na contramão, a Albânia vivia uma “Perestroika ao contrário”:

enquanto a de Gorbachev e companhia se encaminha nitidamente para o completo restabelecimento da sociedade capitalista à moda ocidental, a “antiperestroika” albanesa, com os pés fincados nos princípios marxistas-leninistas, passa em revista com olho crítico todos os aspectos da vida do país precisamente para defender e impulsionar a construção do socialismo.⁶²

Meses depois, um terremoto abalava as convicções dos pecedobistas. Atônitos, acompanharam a rocha do socialismo científico ruir, e da maneira mais humilhante: o alarme disparara com a chegada do secretário de estado norteamericano James Baker. O representante do imperialismo mundial havia sido recebido pela população esfuziante, com bandeirinhas e ovações. Não, não eram novamente os desvios pequeno-burgueses. Os operários também saudavam o dirigente da nação mais rica do planeta. As imagens relembavam a chegada dos exércitos de libertação ao final da II Guerra Mundial. As arrebatadoras mudanças na Albânia chocaram o partido. Era a hora da verdade para o PCdoB. Até esse evento, os comunistas proclamavam a solidez do socialismo no país das águas. Uma muralha inexpugnável retumbava para o capitalismo: “Não passarão!”

Passaram. Situação vexatória. Quantos anos defendendo a modernidade alternativa albanesa diante das pilhérias maldosas sobre o “socialismo das

cabras"! Naquele momento, o comitê central percebeu que ali a casa também podia ruir. Afinal, caíra o ícone que, até então, acreditava-se resistir à crise. Por isso não havia mais o que esperar. Cabia à direção liderar o processo. Antecipar o VIII Congresso e abrir o debate.

Atônitos, dirigentes e militantes indagavam: "Por que acreditamos? Nossas direções mentiram? Como cometer um engano tão monumental, se o partido enviava regularmente seus membros aprenderem com o exemplo vivo?" Muitos tentaram compreender as razões do colapso. Não era de bom alvitre rejeitar completamente uma experiência que mobilizara tantas esperanças. Sobre os aspectos positivos a convicção de que, sem a adesão ao socialismo, talvez a Albânia não existisse mais enquanto nação, tampouco virtudes nacionais, como a libertação heróica do jugo fascista e o papel de vanguarda na luta contra o revisionismo.⁶³

Jô Moraes, membro do comitê central, assinalava: "nem tolos, nem mentirosos". O principal problema do PCdoB não se localizava nas informações factuais repassadas, e que não eram verdadeiras. Nos seus primeiros anos, realmente a Albânia alcançara bons resultados: pleno emprego, a estabilidade nos preços. Mas esses eram dados artificiais. Apesar do grande crescimento predominava o atraso⁶⁴. Diante da evolução, o partido fora incapaz de avaliar a força do atraso. Destacavam-se também as deformações: dirigismo estatal, materialismo dialético na Constituição, ausência de autonomia das entidades, fusão partido-Estado, o isolamento, a impossibilidade de avançar o socialismo albanês apoiado exclusivamente nas suas forças. Enfim, a recusa da tese característica do legado de Stálin⁶⁵.

As razões do colapso eram múltiplas, semelhantes àquelas que puseram abaixo os demais países comunistas. Mas, juntamente com a preocupação em compreender a *débâcle*, os pecedobistas deparavam-se com um nó difícil de desatar. Por que a sua direção operara uma rápida conversão nos casos Stálin e Albânia? Iam da fé cega no país das águias à apressada condenação. O inverso de tudo aquilo em que se acreditara até o início de 1991. A retificação ocorreu de solavanco. Sem preparar os militantes sobre tais mudanças, almejavam readequar pelo alto, a partir da direção central, as suas teses⁶⁶.

As resistências foram enormes de todos os lados. Não adiantava personalizar a culpa. A crise não era apenas uma consequência da linha política do "traidor Ramiz Alia e seus sequazes"⁶⁷. O drama particular do PCdoB era mais profundo. Afinal, o unilateralismo das suas avaliações não se explicava apenas pelos dados filtrados, aos quais o comitê central tinha acesso. Ir à raiz do problema significava reexaminar as deformações presentes nas suas concepções que se coadunavam com o modelo de socialismo constituído na Albânia⁶⁸. Para Jô Moraes a experiência albanesa deixava uma importante

lição. A maioria da militância partidária – integrante da “geração farol” – devia romper com a necessidade de referências físicas para sustentar as suas convicções⁶⁹. Apesar das ressalvas, a sedução das luzes era extasiante: “Todavia, alguns países onde a revolução triunfou, como Cuba, Vietnã, Coreia do Norte e a China Popular mantêm-se decididos a levar adiante a causa que defendem”⁷⁰.

De acordo com o antigo ditado popular, “rei morto, rei posto”. Órfã, a direção do PCdoB não resistiu à ânsia de procurar um novo guia. As escolhas feitas surpreenderam os militantes do partido. Cuba foi devolvida ao panteão do socialismo. Mais surpreendentes ainda foram as novas interpretações e a reabilitação da China.

Retrocedendo às análises do PCdoB, a organização apartara-se do maoísmo, elaborando severas críticas ao “império do meio”. Em 1985, o dirigente Luís Fernandes não deixava margens para qualquer dúvida. Os des-caminhos chineses não se localizavam nas mudanças operadas dos anos setenta. Eles estavam enraizados no cerne daquela revolução. Para “salvar” o comunismo de mais uma “má” experiência, Fernandes empregava o mesmo conceito trotskista: “o socialismo marxista, proletário, não pode haver fracassado na China porque lá ele nunca existiu”⁷¹.

Assim, a ofensiva burguesa no seio do PC chinês não explicava completamente o revisionismo chinês. As suas raízes se encontravam na composição social do partido. Amparado em setores pequeno-burgueses, e tendo o campesinato como força dirigente da revolução, o processo revolucionário não havia sido sequer socialista, mas nacional e democrático. Durante os anos de construção da China Popular, esse caráter não se modificara: o setor privado continuava forte sob a forma de empresas mistas e, no campo, o impulso cooperativista fortalecia os setores menos favorecidos do campesinato⁷².

As teses do comitê central sugeriam uma espécie de *déjà vu*: de eixo do revisionismo contemporâneo e lugar que sequer havia conhecido o socialismo, a resolução do VIII Congresso, de maneira tímida, reconduzia ao campo socialista alguns países que resistiam à ofensiva capitalista⁷³. Seguindo os novos rumos, as publicações partidárias assinalaram os aspectos inovadores e polêmicos da teoria da construção do “socialismo com peculiaridades chinesas”. Com um crescimento econômico espetacular, o império do meio comprovava a superioridade do regime. Era a resposta para a crise aberta desde a metade dos anos oitenta:

A China continua defendendo o socialismo e sua economia, longe de entrar em colapso, apresenta desempenho excepcional. Esse fato, em si mesmo, é de enorme significado, pois envolve quase a quarta parte da população do plane-

ta. [...] Contribui para a resposta prática de como, na atual quadra mundial, sem arriar as bandeiras do socialismo, da ditadura democrática popular e do marxismo-leninismo, a economia de um grande país pode crescer.⁷⁴

O Golpe de agosto de 1991: o dogmatismo falou mais forte

“Um acontecimento alvissareiro”. Com esta frase célebre, João Amazonas enviara uma mensagem clara à opinião pública. Repudiando qualquer apoio a Gorbachev, o dirigente ia além. O golpe poderia paralisar o “processo regressivo” da restauração capitalista na URSS, um passo importante na reconquista do socialismo⁷⁵. Era preciso encarrilhar o trem.

O público externo reagira duramente às primeiras avaliações do partido⁷⁶. Internamente, as declarações aprofundaram a confusão, juntando-se às demais polêmicas que esquentavam os debates internos. Condenando explicitamente a posição do dirigente pcedobista, Antonio Martins protagonizava mais uma controvérsia. O PCdoB permanecia enredado numa encruzilhada histórica. Diante do mal-estar e dos apelos da militância, tímidos recuos e novas ofensivas. O secretariado classificava de “trotskistas” ou “social-democratas” todos aqueles que repudiavam o golpe. Com os temores revigorados, a divergência se tornava uma heresia. Para Martins, a organização, parada no meio de uma encruzilhada, havia feito a sua opção. Escolhera a via da ortodoxia, abrindo mão de trilhar o caminho da construção de uma nova tradição socialista. Diante da histeria anticomunista, novamente o partido mostrava-se incapaz de interpretar os acontecimentos fora dos padrões mentais do marxismo-leninismo⁷⁷.

O jornalista sabia que a sua posição era minoritária. Apesar das críticas ao método e à falta de discussão, a maioria dos comunistas concordava com a avaliação do núcleo dirigente. Era o caso de Hamilton Carvalho. Uma “verdadeira sacada de craque”. Assim ele compreendia a nota de João Amazonas. A militância animara-se diante das primeiras notícias⁷⁸. Após a frustração do golpe, muitos camaradas lamentaram o seu fracasso⁷⁹.

A declaração possuía os seus méritos. Marcelino Granja concordava com o seu conteúdo. Todavia, ele destacava a inabilidade da comissão executiva diante da histeria anticomunista: havia a necessidade de um título tão vigoroso? Por detrás da polêmica, havia novas avaliações acerca do social-imperialismo. Rompendo com essa tese, a direção buscava identificar as contradições existentes entre os diversos setores do partido na URSS. Parte da militância apoiava a posição oficial num repúdio à manutenção de Gorbachev no poder. Mas, por outro lado, a mesma continuava refratária e resistia a olhar

com mais simpatia determinados setores do revisionismo, explorando as suas contradições⁸⁰. Como pano de fundo, havia a postura frente à questão da democracia. O PCdoB não romperia com uma visão instrumental da mesma, e, portanto, o seu apoio dependia da utilidade desse procedimento.

Novas formulações para a estratégia da revolução brasileira

Os debates do VIII Congresso não deixaram de tratar dos caminhos para a revolução brasileira. Mesmo após a cisão com o PCB, a organização mantivera uma estratégia semelhante, baseada no processo revolucionário em duas etapas. A primeira seria marcada por um caráter nacional, democrático e anti-imperialista. A segunda daria vez às transformações de caráter proletário e socialista.

Para Aldo Rebelo, o PCdoB pagara um preço caro ao não realizar essa inflexão, que se coadunava ao conteúdo do seu pensamento desde 1954. Mas havia um motivo: a mudança de formulação, no auge da luta pela redemocratização, podia confundir o objetivo imediato de conquista de liberdades políticas e do fim do regime militar⁸¹. Assim, a nova orientação colocava a luta pelo socialismo no centro da sua estratégia, renovando o marco da linha fronteiriça com as correntes centristas, diferenciando-o dos trotskistas, “mestres em estender iscas socialistas às massas, menos por amor ao socialismo e mais por desprezo às legítimas aspirações democráticas dos trabalhadores”⁸².

A vez do revisionismo pecebista: modernizar a ortodoxia

Um dilema pairava na travessia do PCdoB. Para manter-se vivo, politicamente, o partido necessitava mudar. As modernizações eram necessárias para conferir um novo alento à crise que também assolava a organização. Entretanto, havia um perigo iminente. A descaracterização completa poderia incorrer na sua destruição.

Levando adiante a necessidade de mudanças, o caminho escolhido valeu-se de pequenas revisões. “Diminutos pecados” que atualizaram a ortodoxia. Esse processo teve sucesso porque foi bem encaminhado pelo núcleo central do PCdoB. Ao contrário de outras organizações, o grupo dirigente manteve-se coeso e cênscio de que o êxito dependia da manutenção da unidade partidária. Foram capazes de compreender o momento vivido e, antecipando-se ao colapso interno, abrir o debate. Realizando esse movimento, a direção conduziu as discussões e ditou a dinâmica do pré-congresso.

As ideias apresentadas à Tribuna de Debates esquentaram os questionamentos no interior do partido. A ânsia de discussão parecia represada. Apesar dos tons ameaçadores e das tentativas de impor limites à mesma, muitos muros foram ultrapassados. A direção central perderia o controle? O PCdoB seguiria o mesmo rumo do Partidão? O temor da deriva estimulou críticas severas dos setores mais rígidos. Isso ficou evidente no episódio do golpe de agosto na URSS. Ele envolvia a postura do seu mais importante dirigente, o lendário João Amazonas. Mais do que a posição de apoio ao *putsch*, o que estava em jogo era a legitimidade da direção tomar uma decisão tão polêmica antes do debate partidário. Questionava-se a tradicional forma de aplicação do centralismo democrático.

Conhecido como um partido dogmático e monolítico, como, repentinamente, brotaram concepções tão divergentes em seu seio? Certamente, a crise do projeto socialista foi essencial para elevar a potência da crítica. Mas elas também desvelavam uma heterogeneidade, fruto da sua inserção social e da experiência política cotidiana. O PCdoB não era um monólito.

Por outro lado, os eventos do VIII Congresso revelaram que o partido mantivera a solidez em dois conceitos fundamentais do seu sistema de crenças. Apesar do debate intenso, os comunistas não transpuseram a referência do revisionismo contemporâneo e do marxismo. Apesar dos comentários maledicentes, não houve assertivas apregoando o abandono da teoria revolucionária ou questionamentos à justeza da ruptura com o PCB, nos anos sessenta, devido à sua adesão às teses krushevistas. Identificando certa estagnação teórica do marxismo-leninismo, as formulações encaminhavam-se em direção à crítica ao dogmatismo do partido, mantendo a base conceitual tradicional e incorporando, de forma moderada, outras abordagens.

Aludindo novamente ao conceito de Raoul Girardet⁸³, o principal mito pcedobista manteve a sua função explicativa, fornecendo elementos essenciais para compreender a lógica dos eventos em curso. Diante do caos do colapso do socialismo realmente existente, ele representava um vigoroso fator de ordenamento e de mobilização. Enfim, o PCdoB operou um *aggiornamento* na sua cultura política sem realizar uma clara autocrítica em relação às concepções sustentadas até o VIII Congresso. E que revisões foram essas?

Guardavam-se os retratos de Stálin. Pendiam-se as fotografias de Lênin. Como os revisionistas nos anos cinquenta e Mikhail Gorbachev no início da Perestroika, o partido também resgatara a simbologia leniniana. Sem nunca ter sido abandonada, ela adquiria uma vitalidade nova, ofuscada pelo brilho da liderança de Stálin. A homenagem ao dirigente bolchevique pretendia reafirmar os princípios leninistas. Reforçava-se essa tradição para diferenciar o marxismo-leninismo do legado stalinista.

Corroborava-se a concepção de partido do proletariado. Assinalava-se o papel teórico de Lênin, que usara o marxismo como um guia para a ação e não como um dogma. Remarcava-se o seu perfil internacionalista, mas consciência também do dever de levar até o fim a revolução na URSS, recolocando a tese do socialismo num só país no lugar leninista⁸⁴.

Defronte às imagens, difundidas pelo planeta, das estátuas de Lênin derrubadas, das bandeiras vermelhas rasgadas e de antigos símbolos do comunismo abandonados, os sinais emitidos pelo VIII Congresso eram inequívocos. Havia um limite para as mudanças, e elas deviam consolidar o marxismo-leninismo. Apesar do intenso debate, as concepções do PCdoB não sofreram alterações significativas em relação ao socialismo soviético. O partido considerava o período anterior a 1956 uma época idílica. Seriam tempos de crescimento harmônico da economia com um rápido crescimento “sem crises” das forças produtivas; tempos de uma “convivência fraternal” entre os diversos povos do território eurasiático em contraposição às rivalidades nacionais do capitalismo⁸⁵. Nenhuma menção à coletivização forçada dos campos, à grande fome de 1932-33 como resultado do desastre da política agrária do Estado soviético. Ausência de notas acerca da supremacia russa sobre as demais nações da URSS⁸⁶.

A crítica ao social-imperialismo reordenou as análises pecedobistas acerca do colapso do socialismo real. Mesmo sem romper com o marco fundador do revisionismo contemporâneo, redefinia-se o caráter do Estado soviético: de um país imperialista e de capitalismo de Estado a uma nação que vivia desde os anos cinquenta uma transição, um processo gradual de restauração do capitalismo. A nova abordagem provia o partido de melhores respostas para a crise que explodira no final do século XX. A análise desenvolvida pelo dirigente Luís Fernandes definia a *débâcle* do comunismo como um processo de ruptura sistêmica e não apenas uma transformação superestrutural⁸⁷.

Assim, a agremiação ultrapassava a barreira de que a crise lhe era exógena. Também possibilitava a reincorporação da via chinesa – avaliada desde o final dos anos setenta como revisionista e capitalista – ao campo do socialismo revolucionário. Aplicava-se também às interpretações positivas do golpe de agosto, enquadrando os setores dirigentes do putsch como dissidências progressivas do revisionismo soviético.

O grande desafio era transpor a crise sem que a estrutura centralizada desmoronasse. Tal qual o PCB, a agremiação também era uma “instituição total”⁸⁸: rígida hierarquia entre base e direção, exaltação do culto à personalidade, visão messiânica, o marxismo como uma verdade científica e o socialismo como uma necessidade histórica. Apesar da crise do modelo, os pecedobistas não aprovaram a transmutação para um partido de novo tipo.

Se a forma organizacional do PCdoB permanecera centrada nos alicerces do marxismo-leninismo, a sua ação na conjuntura nacional nada tinha de dogmática, flexibilizando-se e adotando cada vez mais um veio pragmático. Assim o PCdoB aplicou durante os anos da abertura brasileira uma tática semelhante à do PCB, participando de diversos governos liderados por correntes liberais e até mesmo conservadoras, adaptando-se bem às realidades locais e conjunturais.

O sucesso do partido deveu-se às inflexões realizadas no cenário nacional. Cumprira um papel importante na reestruturação do movimento estudantil e mantivera-se ligado aos movimentos sindicais mais ativos, mesmo que não tivesse participado da formação da CUT⁸⁹. No final dos anos oitenta, a organização percebeu a necessidade de reorientar a sua política. Afastando-se da Nova República, aproximou-se do PDT e, principalmente, do PT. Ao contrário do PCB, o PCdoB aceitou o protagonismo petista no seio das esquerdas. É claro que o partido continuava avaliando a si mesmo como um embrião da revolução socialista brasileira, o mais conseqüente. Entretanto, para alcançar tal condição, ele precisava acompanhar a experiência dos trabalhadores nacionais com o seu polo mais dinâmico.

O acerto dessa política expressou-se nos debates do VIII Congresso. A pequena quantidade de textos sobre a conjuntura nacional assinalava as poucas diferenças com as diretrizes elaboradas pelo documento histórico “O Brasil numa encruzilhada histórica”. Assim, os pecedobistas adentravam a crise do socialismo real, fortalecidos e com melhores condições de “resistir firmemente”, sem sofrer perdas maiores, mantendo as bancadas parlamentares e aumentando a representação partidária⁹⁰.

No campo das esquerdas, a simbologia do “novo” apareceu como uma peça central nos debates sobre a crise do socialismo real: “nova forma-partido”, “nova esquerda”, “novo trabalhismo”. Havia desligamentos, recusas parciais ou completas das tradições. No PCdoB, a assimilação desse elemento não era possível sem um questionamento total das heranças progressas, e esse não era o objetivo da travessia. O desafio era realizar a transição entre um PC tradicional – expresso pelas lideranças fundadoras e participantes da guerrilha – e a nova geração que chegava ao partido a partir das experiências da abertura política brasileira.

João Amazonas: amálgama e síntese do PCdoB realmente existente

João Amazonas, um dos poucos dirigentes sobreviventes da época da reorganização do PCdoB, em 1962, tornou-se um amálgama, simbolizando a

continuidade histórica da organização, antes e depois da ditadura civil-militar brasileira. No final dos anos setenta, ainda no exílio, a reorganização do comitê central, duramente atingido pelo Massacre da Lapa, em 1976, operou-se em torno da figura deste dirigente. A reconstrução, centrada em suas análises, teve como linhas mestras a luta contra o revisionismo contemporâneo e o exemplo de compromisso revolucionário personificado na Guerrilha do Araguaia⁹¹.

O comunista Walter Sorrentino assinalava a importância estratégica da evolução do seu pensamento para a transformação teórica da agremiação. Suas concepções se confundiam com as do próprio partido⁹². Em diversos artigos, debates e informes políticos, as análises de João Amazonas corroboraram as resoluções partidárias. Todavia, determinadas reflexões antecipavam mudanças futuras no PCdoB. É o caso da palestra do pcedobista, no ano de 1990, antes da abertura dos debates do VIII Congresso e da crise na Albânia⁹³.

“À guisa de especulação” – como o próprio anunciou – Amazonas introduzia questões que relativizavam definições consolidadas historicamente na organização. Sobre os problemas da construção do socialismo na URSS, ele ponderava:

teria o partido sido, em certa medida, capataz de um imenso canteiro de obras e não o impulsionador da organização, o apoiador decidido da iniciativa, do trabalho criador das massas?⁹⁴

O dirigente especulava também sobre as ações realizadas no pós-guerra por Stálin visando, de fato, à diminuição da intervenção do poder do Estado nas relações sociais, tecendo uma crítica ao processo de crescimento e de fortalecimento das funções estatais em seu governo.

Para Sorrentino, o ano de 1992 é um marco qualitativo nas elaborações teóricas de Amazonas, algo que se coaduna com as mudanças seletivas operadas pelo núcleo dirigente da organização. Sem o abandono do revisionismo, ele reconhecia o caráter parcial e unilateral da tese da “traição krushevista”:

A *démarche* teórica da restauração capitalista na URSS desde meados dos anos 50 – com novas formas de extração de mais-valia, e do social-imperialismo – com “exportação de capitais e dominação imperialista” –, mostrava limitações. A questão do stalinismo até aí havia sido pouco explicitada.⁹⁵

Confirmando as “especulações” de 1990, o informe político do VIII Congresso introduzia novos elementos na concepção do revisionismo contemporâneo.

Da mesma forma, sem romper com concepções basilares do comunismo pcedobista, Amazonas assinalava as autocríticas a se fazer em relação a

Stálin. “Não foi ele quem deixou cair a bandeira revolucionária”, mas “como o principal dirigente e teórico marxista-leninista tem responsabilidade no desastre sucedido com o socialismo na URSS”⁹⁶.

A concepção da possibilidade do desenvolvimento do socialismo num só país, uma característica irrefutável do PCdoB, de forma sutil, foi posta em cheque. Tratando da situação da Albânia, sem autocríticas ou correções da formulação tradicional, Amazonas era categórico: “o socialismo científico é ir-realizável na Albânia”. Seria um “milagre”. A evolução inicial deveria-se à existência de um conjunto de nações avançadas. Mas o país já não se encontrava isolado desde os anos cinquenta com a ruptura da comunidade socialista?⁹⁷

O PCdoB fez a travessia. Ultrapassou o VIII Congresso fortalecido, oferecendo uma leitura da sua visão de socialismo mais adequada ao tamanho da crise mundial das esquerdas. Tratando das perspectivas desta utopia no século XXI, João Amazonas sintetizava o caminho por onde o partido trilhava: a vitória do socialismo como fruto de um “largo processo de lutas” marcado por vitórias e revezes. A derrota do socialismo na URSS e no Leste Europeu era vista como expressão do enfraquecimento das ideias transformadoras nas massas, de uma profunda crise e da perda da vitalidade no campo da teoria e da ideologia. Por isso, uma tarefa central dos revolucionários era a renovação criativa do marxismo revolucionário⁹⁸.

O grande desafio do PCdoB era transpor a crise sem que a sua estrutura centralizada desmoronasse. E essa operação obteve êxito, abrindo uma nova porta, modernizando a sua estrutura marxista-leninista. Realizando esse processo gradativamente, nos congressos seguintes, a agremiação confrontou-se com a necessidade de construção de um vigoroso partido revolucionário de massas que refletisse a nova condição na cena política brasileira⁹⁹. Enfim, para sobreviver à *débâcle* do socialismo real o PCdoB necessitou renovar a sua cultura política sem descaracterizar a sua identidade original. Realizar uma metamorfose, carregando consigo e dando novas significações às experiências e vivências anteriores¹⁰⁰.

RESUMO

Até o início dos anos noventa, o PCdoB era reconhecido pelo seu dogmatismo. Seu traço distintivo era a ardente defesa de Stálin. Logo, uma organização “stalinista” não sobreviveria ao colapso do socialismo real; seria varrida do mapa político ou se tornaria uma instituição irrelevante na sociedade brasileira. Sem grandes defecções ou o cataclismo ocorrido no PCB, o Comitê Central dirigiu um processo controlado de reavaliação de alguns importantes pressupostos. Conectados às mobilizações dos anos oitenta, a agremiação combinou ortodoxia e revisão do projeto socialista, obtendo sucesso nesse reordenamento, sem, contudo, perder a sua identidade original.

PALAVRAS-CHAVE

PCdoB – comunismo – ortodoxia – revisão

PCdoB: The crossing of communism between orthodoxy and the revision

ABSTRACT

Until the early nineties, PCdoB was recognized for its dogmatism. His distinctive feature was Stalin's ardent defense. Therefore, a "Stalinist" organization would not survive the collapse of real socialism. They would be wiped off the political map or become an irrelevant institution in Brazilian society. Without major defections or the cataclysm of the PCB, the Central Committee conducted a controlled process of reassessment of some important assumptions. Connected to the mobilizations of the eighties, the association combined orthodoxy and revision of the socialist project, obtaining success in this reorganization, without, however, losing its original identity.

KEYWORDS

PCdoB – communism – orthodoxy – revision

NOTAS

1. Professora de história da rede pública municipal de ensino e da Universidade Cândido Mendes. Email: izacris68@gmail.com.
2. No XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em fevereiro de 1956, Nikita Krushchev realizou o impensável, denunciando os crimes de Stálin e o culto à sua personalidade. Esse evento produziu um verdadeiro cisma no Movimento Comunista Internacional. Partidos como os da China e Albânia não aceitaram as mudanças, propagando a luta contra o revisionismo contemporâneo – termo empregado para distingui-lo do primeiro movimento revisionista, liderado por expoentes da social-democracia alemã como Eduard Bernstein.
3. Os debates preparatórios para o VIII Congresso desvelaram de forma inquestionável a força e os limites desse amálgama: questionara-se quase tudo – Stálin, a revolução por etapas, os desvios da direção, a política do PCdoB, o centralismo democrático. Entretanto, havia um ponto de convergência: até mesmo os mais críticos não ousaram questionar os elementos que levaram à refundação do PCdoB em 1962.
4. SIQUEIRA, Juliano. "Postura de resistência, rumo revolucionário". *Princípios*, nº 24, 1992, p. 52-54.
5. PCdoB. "Manifesto – Programa. Resolução Comitê Central, A Classe Operária, 01-15/08/1963". In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoB de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 46-50.
6. Segundo Reis, apesar da enorme exaltação à China, a organização teceu uma leitura seletiva do maoísmo. A Guerrilha do Araguaia apresenta-se como um exemplo dessas

interpretações, aplicando uma política mais próxima dos focos guerrilheiros de padrão guevarista. Ver: REIS, Daniel Aarão. “O maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros”. in: REIS, Daniel Aarão (org.). *História do marxismo no Brasil: O impacto das revoluções*. Vol. 1. RJ: Paz e Terra, 1991, p. 125; 131.

7. Até 1969, o partido convivera com um “dualismo estratégico”: uma tática eleitoral e a proposição da Guerra Popular Prolongada (GPP). Com o lançamento do documento “Guerra popular prolongada: o caminho da luta armada no Brasil”, esta se consolidava como a estratégia central. SALES, Jean Rodrigues. “Partido Comunista do Brasil: definições ideológicas”. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (orgs). *História do marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*. Vol. 6. Campinas: Ed. Unicamp, 2007, p. 171-2.

8. Depoimento do dirigente comunista João Amazonas, um dos poucos sobreviventes da Guerrilha do Araguaia, à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, no dia 16 de maio de 1996. O relato foi precedido de uma impactante repercussão na grande imprensa do livro do coronel Pedro Corrêa Cabral, “Xambioá, guerrilha do Araguaia: Novela baseada em fatos reais”, e dos documentos oficiais publicados pelo jornal O Globo sobre a repressão do exército na região. Ver: PRINCÍPIOS. “João Amazonas fala sobre a Guerrilha do Araguaia”. *Princípios*, nº 44, 1997, p. 66.

9. Reiterando luta armada como uma questão decisiva para a política partidária, a VII Conferência, em 1979, reordenava a ação dos comunistas em direção à derrubada da ditadura através de uma ampla frente democrática. PCdoB. “VII Conferência do PCdoB”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p.267-8.

10. PCdoB. “O Brasil numa encruzilhada histórica (VII Congresso do PCdoB).” In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 351-95.

11. PCdoB. “Resoluções da VII Conferência do PCdoB”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 265-6.

12. CARVALHO, José Reinaldo. “Albânia – 40 anos de socialismo”. *Princípios*, nº 9, 1984, p. 22.

13. PCdoB. “O Brasil numa encruzilhada histórica”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 359.

14. CARVALHO, José Reinaldo. “O socialismo na Albânia. Aplicação criadora do marxismo”. *Princípios*, nº 14, 1987, p. 43.

15. AMAZONAS, J. Viva a grande revolução socialista de outubro. *Princípios*, nº 14, 1987, p. 6.

16. LUSTOSA, Rogério. A experiência socialista na URSS. *Princípios*, nº 15, 1988, p. 21.

17. FERNANDES, Luís. A degenerescência capitalista da União Soviética. *Princípios*, nº 3, 1981, p. 2; 4-5.
18. Idem. O marxismo e o revisionismo soviético. *Princípios*, nº 12, 1985, p. 13.
19. PCdoB. “Resoluções da VII Conferência do PCdoB”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 386-7; 391.
20. FERNANDES, Luís. O Leste europeu entre ventos e tempestades. *Princípios*, nº 18, 1990, p. 8-10.
21. LOPES, Pedro Carvalho. É preciso evitar a repetição de erros. *Tribuna de Debates*, nº 1, 1991, p. 4.
22. MARTINS, Antônio. O PCdoB numa encruzilhada histórica. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 6 e nº 5, 1991, p. 14. Os artigos, do jornalista e membro da organização de base dos jornalistas de São Paulo, protagonizaram importantes polêmicas. Parafrazeando a tese de conjuntura nacional do VII Congresso do partido – O Brasil numa encruzilhada histórica –, o PCdoB também vivia o mesmo impasse.
23. *Tribuna de Debates*, nºs 2, 6 e 10, ano 1991. O encarte *Tribuna de Debates* cumpriu um papel fundamental na discussão entre os comunistas, recebendo cerca de 400 artigos. A preparação, durante quase um ano, foi enriquecida por debates e palestras com a presença de outras correntes políticas. Coroando esse processo, o PCdoB elegeu 518 delegados, nas conferências ocorridas em quase todo o Brasil. O congresso mais importante da trajetória partidária realizara-se entre os dias 3 e 8/02/1992, em Brasília. Ver: PCdoB. *O socialismo vive: Documentos e resoluções do VIII Congresso do PCdoB*. 2ª ed., SP: Ed. Anita Garibaldi, 1992, p. 8.
24. *Tribuna de Debates*, nº 6, 1991, p. 1.
25. CARVALHO, Carlucho. Antes que seja tarde. *Tribuna de Debates*, nº 3, 1991, p.10.
26. BATIGALHIA, Djalma. A outra margem; RABELO, Renato. Distinguir os campos. In: *Tribuna de Debates*, nº 10, 1991, p.10, 20.
27. FILHO, Moacyr Oliveira. Sonhar também é preciso. *Tribuna de Debates*, nº 8, 1991, p. 14.
28. MARTINS, Antônio. O PCdoB numa encruzilhada histórica. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 6.
29. FERNANDES, Luís. Retificação necessária. *Tribuna de Debates*, nº 6, 1991, p. 10.
30. Idem. Sobre a questão do ‘social imperialismo’. *Tribuna de Debates*, nº 10, 1991, p. 21.
31. PCdoB. A luta pelo socialismo científico. 8º Congresso. Documento para debate, 1991.
32. DIAS, Lucio F. A aliança operário-camponesa e a crise do socialismo. *Tribuna de Debates*, nº 5, 1991.

33. MARTINS, Antônio. O PCdoB na encruzilhada histórica. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 6.
34. HENDRICH, Samuel. Legalidade socialista. Estado e indivíduo. *Tribuna de Debates*, nº 3, 1991, p. 11.
35. SILVA, Mario Cesar Fonseca da. Um espectro ronda o nosso partido: o espectro do revisionismo. *Tribuna de Debates*, nº 9, 1991, p. 24.
36. AOKI, Masanobu. O camarada Stálin é o grande vilão do socialismo também para o PCdoB? *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 7.
37. AOKI, Fany. Por que alguns insistem em seguir o caminho da revisão? *Tribuna de Debates*, nº 10, 1991, p. 22.
38. PCdoB. “O Brasil numa encruzilhada histórica”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 393.
39. O documento mencionava determinadas “omissões” no tratamento dos equívocos e uma “impressão” de defesa sem restrição a tudo de bom e de mau ocorrido no período de Stálin. As palavras empregadas, longe de casuais, amenizavam a postura acrítica do PCdoB em relação ao mesmo. Ver: PCdoB. “A luta pelo socialismo científico. 8º Congresso”. Documento para debate, 1991, p. 3.
40. PCdoB. “Informe político ao VIII Congresso. Brasília, de 3 a 8 de fevereiro de 1992”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 39-41.
41. MANFREDINI, L. Sobre o risco do fundamentalismo comunista. *Tribuna de Debates*, nº10, 1991, p. 18.
42. OLIVEIRA, Joan Edessom. Análise da história deve ser científica. *Tribuna de Debates*, nº 3, 1991, p. 7.
43. LOPES, Pedro Carvalho. Ser ou não ser stalinista: eis a questão. *Tribuna de Debates*, nº 8, 1991, p. 12.
44. ALCIDES, J. A cantoria das insuficiências e o anticanto dos limites. *Tribuna de Debates*, nº 9,1991, p. 18.
45. MARTINS, Antônio. O PCdoB numa encruzilhada histórica. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 6.
46. IVO, E. O debate é tão importante, que tem gente se afogando nele. *Tribuna de Debates*, nº 8, 1991. p. 15.
47. OLIVEIRA, Fátima. Stálin: Maria Madalena, Geni, Irene, ou simplesmente uma mulher adúltera? *Tribuna de Debates*, nº 4, 1991, p. 10.
48. FREITAS JR. Stálin, um mito na hora do adeus. *Tribuna de Debates*, nº 7, 1991, p. 13; LIMA, Maria S. Defender Stálin é defender o socialismo. *Tribuna de Debates*, nº 8, 1991, p. 8, respectivamente.

49. CARVALHO, Hamilton. Stálin, uma questão de classe. *Tribuna de Debates*, nº 9, 1991, p. 13; MACHADO, Elizeu R. Socialismo é o científico. *Tribuna de Debates*, nº 10, 1991, p.10, respectivamente.
50. Define o Dicionário Aurélio: “emanação fétida oriunda de animais ou planta em decomposição”. AMAZONAS, João. “O trotsquismo como corrente política contra-revolucionária”. *Princípios*, nº 8, 1984, p. 3.
51. Idem.
52. MARTINS, Umberto. Particularidades e caráter de classe do revisionismo soviético. *Princípios*, nº 17, 1989, p. 24.
53. BENÉVOLO, Hélio. O marxismo precisa ser criticado. *Tribuna de Debates*, nº 4, 1991, p. 8; DELLOMO, Antônio. Stálin e o socialismo na URSS. *Tribuna de Debates*, nº 9, 1991, p. 24.
54. MEDEIROS, Gerson. Stalinismo, burocracia e contra-revolução. *Tribuna de Debates*, nº10, 199, p. 42-3.
55. COUTINHO, Antônio. Melhor tratamento aos militantes. *Tribuna de Debates*, nº10, p.64;68, 1991. SOUZA, Virgílio Felix de Lima e. O preconceito em aprender. *Tribuna de Debates*, nº4, s/p., 1991.
56. AGUIAR, Dyneas. A concepção de partido e o centralismo democrático. *Tribuna de Debates*, nº 9, 1991, p. 31.
57. ARANTES, Aldo. Democracia burguesa e democracia proletária. *Tribuna de Debates*, nº 8, 1991, p. 16.
58. BARRETO, Antonio. Liberdade e democracia no socialismo. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 8.
59. FRAGA, João Maria. Estado e ditadura, uma necessidade das classes. *Tribuna de Debates*, nº 1, 1991, p. 5; MAGRONE, Eduardo. Legalidade ou legitimidade. *Tribuna de Debates*, nº 4, 1991, p.7, respectivamente.
60. JOFFILY, Bernardo. O partido único não deu certo. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, s/p.
61. LOPES, Pedro Carvalho. É preciso evitar a repetição de erros. *Tribuna de Debates*, nº 1, 1991, p. 4.
62. JOFFILY, Bernardo. Teimosia da Albânia: ‘fui ver para crer’. *Princípios*, nº 18, 1990, p. 35-39.
63. EBLING JR., Fredo. O socialismo na Albânia. Algumas considerações. *Tribuna de Debates*, nº 9, 1991, p. 30; FREIRE JR., Olival. “A Albânia é um caso encerrado para o PCdoB?”. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 4, respectivamente.
64. MORAES, Jô. Albânia: nem tolos nem mentirosos. *Tribuna de Debates*, nº 3, 1991, p. 3.

65. EBLING JR., Fredo. O socialismo na Albânia. Algumas considerações. *Tribuna de Debates*, nº 9, 1991, p. 30; FREIRE JR., Olival. A Albânia é um caso encerrado para o PCdoB? *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 4, respectivamente.
66. BRABO, Antonio Carlos. A defesa cega de princípios. *Tribuna de Debates*, nº 3, 1991, p. 4.
67. LOPES, Pedro Carvalho. É preciso evitar a repetição de erros. *Tribuna de Debates*, nº 1, 1991, p. 4.
68. FREIRE JR., A Albânia é um caso encerrado para o PCdoB?. *Tribuna de Debates*, nº 2, 1991, p. 4.
69. MORAES, Jô. Albânia – nem tolos nem mentirosos. *Tribuna de Debates*, nº 3, 1991, p. 3.
70. PCdoB. *O socialismo vive: Documentos e resoluções do VIII Congresso do Partido Comunista do Brasil*. 2ª ed., SP: Ed. Anita Garibaldi, 1992, p. 35.
71. FERNANDES, Luís. China, o socialismo que não houve. *Princípios*, nº 10, 1985, p. 15.
72. Idem.
73. PCdoB. “Informe político ao VIII Congresso”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 429.
74. LIMA, Haroldo. A propósito do socialismo na China. *Princípios*, nº 28, 1993, p. 28.
75. AMAZONAS, João. Um acontecimento alvissareiro. São Paulo: *Folha de São Paulo*, 20/08/1991.
76. Diante das reações negativas, a Comissão Executiva Nacional, no dia 28/08/1991, reafirmara o caráter restaurador e contrarrevolucionário de Gorbachev e de Yeltsin, mas amenizara a sua posição favorável ao golpe. Os autores do *putsch* eram incapazes de expressar as aspirações das forças progressistas e de restaurar o curso socialista na URSS. Ver: OZAÍ, Antônio. Partido Comunista do Brasil (PCdoB): O impacto do leste europeu (2). *Revista Espaço Acadêmico*, nº 71, ano VI, 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>, acesso em 10 maio 2009.
77. MARTINS, Antônio. O PCdoB na encruzilhada histórica. *Tribuna de Debates*, nº 5, 1991. p. 14.
78. CARVALHO, Hamilton. Stálin, uma questão de classe. *Tribuna de Debates*, nº 4, 1991, p. 13.
79. IVO, Euler. O debate é tão importante que tem gente se afogando nele. *Tribuna de Debates*, nº 8, 1991, p. 15.
80. GRANJA, Marcelino. Por que o partido foi simpático ao golpe de estado na URSS? *Tribuna de Debates*, nº 4, 1991, p. 2.
81. REBELO, Aldo. A nova estratégia pelo socialismo. *Princípios*, nº 25, 1992, p. 10.

82. Idem.

83. GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1986, p. 13.

84. PCdoB. *O socialismo vive: Documentos e resoluções do VIII Congresso do Partido Comunista do Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1992, p. 10-1.

85. PCdoB. Informe político ao VIII Congresso. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 430.

86. Em cerca de cinco meses, 60% dos camponeses foram agrupados em organizações coletivas de produção. Operações de limpeza, deportações maciças e estagnação da produtividade. Ver: REIS, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. 1ª ed., SP: Fundação Perseu Abramo, 1996, p. 116; 141.

87. FERNANDES, Luís. *O Enigma do socialismo real: um balanço crítico das principais teorias marxistas e ocidentais*. RJ: Ed. Mauad, 2000, p. 144.

88. PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ Fundação Roberto Marinho, 1995, p. 42.

89. Segundo Augusto Buonicore, o PCdoB apoiou intensamente as greves eclodidas no final dos anos setenta, colaborando na montagem de um amplo movimento de solidariedade, integrando também os comandos das paralisações. Mesmo sem vitórias econômicas, fez um balanço positivo daquele acontecimento. BUONICORE, Augusto. “O Partido Comunista do Brasil em 1979”. Disponível em <<http://www.vermelho.org.br/base.asp?texto=59310>>, acesso em 18 julho 2009.

90. PCdoB. “Informe político ao VIII Congresso”. In: *Em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro: Documentos do PCdoBrasil de 1960 a 2000*. SP: Ed. Anita Garibaldi, 2000, p. 412.

91. O Massacre da Lapa, além de desarticular completamente o PCdoB, assassinou importantes dirigentes históricos, como Pedro Pomar. Este apresentava uma séria divergência em relação à experiência do Araguaia, avaliando-a como uma derrota estratégica, política e militar. A VII Conferência, em 1979, não retomou as polêmicas sobre o balanço da Guerrilha, mas referendou, a partir da grande influência de João Amazonas, o documento do comunista Angelo Arroyo, também assassinado. Guerrilheiro do Araguaia, ele apresentava um balanço positivo deste movimento. Ver: SALES, Jean Rodrigues. “Da luta armada ao governo Lula: a história do Partido Comunista do Brasil”. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia*. 1964... Vol. 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 174-5.

92. SORRENTINO, Walter. Crise do marxismo, segundo o pensamento de João Amazonas. *Princípios*, 2006, p. 74; 78.

93. Palestra no Seminário sobre o Leste Europeu, promovido pelo Instituto Maurício Grabois. AMAZONAS, João. “As transformações sociais da época da revolução e do socialismo: exame crítico da crise do socialismo”. In: AMAZONAS, João. *Os desafios do socialismo no século XXI*. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 1999, p.183-95.

94. Ibidem, p.192.

95. SORRENTINO, Walter. Crise do marxismo, segundo o pensamento de João Amazonas. *Princípios*, 2006, p. 3-4.

96. “Os contratempos do socialismo”. In: AMAZONAS, João. *Os desafios do socialismo no século XXI*. São Paulo: Ed. Anita, 1999, p. 234-5.

97. AMAZONAS, João. Mudanças de rumo na Albânia socialista. *Princípios*, nº 20, 1991, p. 197.

98. Idem. O socialismo no século XXI. *Princípios*, nº45, 1997, p. 39; 42.

99. Esta tendência foi reafirmada principalmente no XI Congresso, em 2005. A agremiação ascendia a um novo patamar, colocando-se para si a tarefa de construção de uma organização de massas. Ver: PC do B. *Resolução aprovada no 11º Congresso do PCdoB*. Disponível em <https://pcdob.org.br/documentos/resolucao-aprovada-no-11-congresso-do-pcdob/>, acesso em 19 julho 2017.

100. VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 9.